

A diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná e a representação do “lugar do futuro”: a (re)invenção da Região Sudoeste entre 1940-1970

MARCOS MONDARDO

Resumo

Revisitar os discursos e as práticas sociais que promoveram a reinvenção do Sudoeste do Paraná como representação do espaço, no período de 1940 a 1970, permite revelar como ocorreu o processo de criação de novos sentidos e de novas formas para essa região. Por isso, compreender quais os discursos e os contextos sócio-políticos, culturais e econômicos que ativaram o poder e o saber de representação desse espaço como “lugar do futuro”, especialmente, para a migração de gaúchos e catarinenses é o objetivo desse trabalho. Por meio do resgate da memória de migrantes, buscamos compreender a instituição de uma nova *geografia* da *distribuição espacial* dos *sentidos* e de *poder*, dos significados e das funções da representação, situada no contexto geopolítico da Marcha para Oeste do governo Getúlio Vargas.

Palavras-chave

diáspora, representação, memória, Marcha para Oeste, Sudoeste do Paraná.

Abstract

Revisiting the discourses and social practices that promoted the reinvention of the Southwest of Paraná as representation of space in the period 1940 to 1970, revealing as it did allow the process of creating new meanings and new ways for this region. So, understand what the discourse and the socio-political, cultural and economic factors that activated the power and knowledge representation in that space as “place of the future”, especially for the migration of Santa Catarina and Rio Grande do Sul is the goal of this work. By recovering the memory of migrants, we seek to understand the institution of a new geography of the spatial distribution of sense and power of the meanings and functions of representation, located in the geopolitical context of the westward march of Getúlio Vargas.

Key-words:

Diaspora, representation, memory, march to the west, southwest of Parana.

Introdução

Compreender como uma região muda seu significado no decorrer do tempo histórico é de suma importância para verificar como que a representação articula a *função* do espaço por interesses específicos de sujeitos, grupos, classes, instituições, interligados em torno de *projetos* políticos e ideológicos que buscam legitimar e dar *novo sentido*, nova imagem, nova forma-conteúdo atrelada intimamente a um novo discurso, a uma nova forma de poder e de saber, que produz novas relações e uma nova ordem à região.

Por isso, é importante assinalar que a idéia de região será compreendida aqui como representação do espaço, fazendo parte portanto de uma produção e de uma invenção imagético-discursiva do real, isto é, o “real” e “seus significados” *imaginários* instituídos e sendo mobilizados constantemente por um jogo de forças em uma parcela referencial do espaço. A *região*, assim, é uma *invenção* enquanto *representação* do *espaço* produzida através de determinadas relações de poder e de saber a elas correspondente, a elas criadas com a intencionalidade de dotar o espaço de sentidos, de valores, de conteúdos, enfim, de *função* política.

A região é muitas vezes criação do pesquisador, mas também pode ser forjada, inventada e reinventada a partir de alguns interesses, pois, como diz Bourdieu (1998), a região é alvo de disputas, de lutas pelo poder “quase mágico”, isto é, do poder simbólico, de fazer crer e ver determinada realidade espacial, ordem e significado. A produção das regiões passa pelo poder simbólico de *di-visão* que “[...] é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 8).

Para Albuquerque Júnior (2001), *inventar* uma região é tarefa dos discursos que produzem imagens, que produzem fronteiras através de modos de ser, de se portar, de se relacionar, de ver a si mesmo e ao outro, ao seu território, ao seu lugar, ao seu mundo. Por isso,

definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 24, [grifos, em itálico, totais do autor]).

Contudo, é importante mencionar ainda que a região é *normalmente* (mas, não exclusivamente) localizada/produzida no interior de um Estado-Nação e, por isso, se constitui enquanto uma escala subnacional. Logo, a região se institui a partir de uma nação, de um território nacional. Historicamente, as regiões podem ser pensadas como emergência de diferenças internas à nação, no

tocante ao exercício do poder e da divisão social e territorial do trabalho. São recortes que surgem a partir de enfrentamentos que ocorrem entre os diferentes grupos sociais no interior da nação. A diferenciação, portanto, é atribuída a um caráter de luta, de disputa de interesses específicos. A região se define, frente ao Estado-Nação, como um “território” contínuo não fragmentado e moldado espacialmente no estilo “colcha de retalhos”, em que, especialmente a modernidade capitalista tentou inserir em todos os pontos do planeta. Assim, a região é:

Um espaço (não institucionalizado como Estado-nação) de identidade ideológica-cultural e representatividade política, *articulado em função de interesses específicos*, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco “regional” de classe que nele reconhece sua base territorial de reprodução (HABESBAERT, 1988, p. 26, [grifos nossos]).

Neste contexto, pretendemos analisar, a região Sudoeste paranaense, no período de 1940 a 1970, como o “lugar do futuro”, ou seja, enquanto uma *nova representação* do espaço que produz uma região atrativa para receber migrantes gaúchos e catarinenses de seus estados de origem. Mas como e porque essa região foi reinventada? Entre o período de 1900 a 1940 – de acordo com estudo que realizamos em Mondardo (2009) –, essa região foi representada como “sertão inóspito”, sendo *inventada* por meio da invenção e instituição de imagens “negativas” a esse espaço. Já, a partir da década de 1940 – ou no período de 1940 a 1970 – esse espaço regional teve sua *função* transformada sendo reinventada a partir de novas imagens instituídas – “positivas” – que foram evidenciadas, acionadas, enaltecidas e mobilizadas enquanto *recurso* através de um discurso repetitivo, criador de clichês, de mensagens, de frases, de símbolos, de enunciados, de formas de fazer ver e fazer crer, na construção de uma determinada representação de uma região “boa” para a morada, para o trabalho e o não-trabalho e para a festa de gaúchos e catarinenses migrantes. De sertão isolado, “inóspito” e de foragidos da justiça no período de ocupação anterior, à terra do futuro, do progresso e da modernização agrícola, reinventada, em grande medida, pelo discurso do projeto político/ideológico da *Marcha para Oeste*, do governo Getúlio Vargas que criou, em Vila Marrecas (atualmente município de Francisco Beltrão), em 1943, a Colônia Agrícola General Osório – CANGO – para incentivar e atrair gaúchos e catarinenses, sobretudo, mas, também, pela re-significação dos sujeitos através das redes de relações sociais na migração.

Nesse sentido, a reinvenção da região em análise, é produzida enquanto uma *nova representação* do espaço, especialmente por um espaço representado a partir da idéia de “lugar do futuro” (de Vila Marrecas e posteriormente com a criação, no ano de 1951, do município de Francisco Beltrão) e pela suas qualidades “positivas”, para a vinda de novos e outros sujeitos, de uma região

propícia para a reprodução do modo de vida (nem sempre igual em nível econômico e cultural) de gaúchos e catarinenses. Assim, a região Sudoeste paranaense teve reinventada a sua função e a recém criada Vila Marrecas nesse momento começou a surgir re-apresentada enquanto o “lugar do futuro”.

Contudo, é importante dizer que nem todas e todos os migrantes gaúchos e catarinenses reproduziam o mesmo modo de vida, pois existiam semelhanças e diferenças internas em relação às condições econômicas e até mesmo culturais que implicaram em tensões e disputas entre eles por terras, por melhores áreas localizadas e maiores extensões das mesmas, pela maior lucratividade de seus investimentos no novo território, pelo poder simbólico através de maior prestígio nas relações desenvolvidas dentre outros.

Por isso, para demonstrar a reinvenção da região neste período, utilizaremos, a partir de agora, as *falas dos migrantes*ⁱ, pois foram nelas que percebemos a maior expressão e a cristalização dessa representação da região construída pelo discurso performático da *Marcha para Oeste*. Tais *falas dos migrantes* demonstram a insistência de frisar o Sudoeste paranaense como “lugar do futuro”, como um espaço que foi *nomeado* e *classificado* por um discurso que reinventou uma região, outrora “sertão inóspito” e não desenvolvida, como o lugar das novas e grandes possibilidades, das oportunidades pretensamente inventadas/representadas enquanto “fáceis” para o acesso à propriedade da terra, à sobrevivência, à reprodução de um modo de vida assentado na pequena propriedade rural.

Pretendemos questionar, portanto, os espaços como são vistos e como que são enunciados os discursos produzidos, como são falados e direcionados e *quem os fala*, quem os produz e para que fim. Tentamos apreender, a partir do Sudoeste paranaense no período de 1940 a 1970, uma nova *geografia* da *distribuição espacial* dos *sentidos* e de poder, dos significados e das *funções* da representação, pensando as espacialidades como acúmulo de camadas discursivas e de práticas sociais, apreendendo, deste modo, a reinvenção da região por um novo discurso imagético-textual hegemônico que se cristaliza a partir de um *projeto*, a partir de uma luta, de uma disputa, de uma nova forma de ver a região que se torna hegemônica; no caso da região Sudoeste paranaense, de um “lugar do futuro”, aberto a muitas oportunidades e a uma forma nova de fazer a vida, mas uma forma que se quer hegemônica, pautada sobre o progresso, como o discurso oficial homogeneizou.

A reinvenção enquanto nova e/ou outra representação do espaço foi uma *inversão* de sentido que busca reverter e/ou recriar a teia de poder imagético-discursiva; foi uma nova estratégia discursiva de produção de uma imagem, de um novo espaço-tempo, de uma nova região. Para Albuquerque Júnior (2001), a reinvenção de uma região é produto da *emergência* de uma nova sensibilidade carregada e/ou representada por uma nova produção/formação discursiva, pois:

(...) a *emergência de uma nova idéia de região nasce apenas da mudança na sensibilidade em relação ao espaço*, da mudança entre o objeto, à região e o sujeito cognoscente; mas esse novo regionalismo nasce da mudança mais geral na disposição dos saberes, a qual provoca, inclusive, *a mudança nas posições recíprocas e o jogo do conhecimento*. Mudança esta não apenas na forma de olhar para o referente, este espaço fixo, mas a emergência de um novo modo de olhar e um novo objeto para ser visto. A esta mudança geral na disposição dos saberes chamamos de *emergência de uma nova formação discursiva* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 48, [grifos nossos]).

Buscamos perceber, deste modo, nas falas dos migrantes gaúchos e catarinenses, como determinados enunciados re-inventaram uma *imagem* da região e se produziram e se cristalizaram como representação deste espaço, como sua “essência”, como sua “verdade absoluta” em um período, especialmente, para convencimento no *ato da migração* do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o Sudoeste paranaense. O poder e o saber de produzir repetitivamente uma região a partir de um discurso onde as oportunidades eram grandes, foi um dos grandes *estímulos*, também, para a vinda dos migrantes. Foi uma maquinaria de poder: do poder imagético-discursivo de *mobilizar* a mobilidade espacial da população.

Da Marcha para Oeste à reinvenção do Sudoeste paranaense: a representação do “lugar do futuro” e a migração

Com a criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório, em 1943, na Vila Marrecas, o Estado Novo (1937-1945) buscou estimular através do projeto *Marcha para Oeste* à vinda de migrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o Paraná. A vinda de, em sua maioria colonos para a região Sudoeste paranaense – onde estavam sendo “distribuídas” terras –, resultou, também, e muito, da *propaganda* desencadeada pelo governo federal para atrair migrantes que estivessem “desejosos” em adquirir terras e tornarem-se proprietários.

Cabe assinalar que Vargas, de acordo com Oliveira (1999), desde que assumira o governo federal, criou formas/dispositivos de *comunicação* e *informação* voltadas para construir uma *nova imagem* da sociedade, sendo a maior delas o *rádio*. Como afirma Lenharo (1986a, p. 40), “dos dispositivos utilizados em larga escala, o rádio foi o principal deles pelo clima e pelo teor simbólico que alcançara entre emissoras e ouvintes”.

Por meio do apelo no rádio ao desbravamento, à colonização e ao resgate da brasilidade e do sentimento nacionalista, Vargas buscou *legitimar* a *necessidade* das pessoas *migrarem* e estarem dispostas a trabalhar. Nesses discursos, através do rádio, o trabalhador brasileiro foi o ponto central:

O rádio permitia uma encenação de *caráter simbólico e envolvente*, estratégias de ilusão participava e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. *O importante do rádio não era exatamente o que era passado e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes.* Efeitos sonoros de massa podiam atingir e estimular a imaginação dos rádio-receptores, permitindo a integração, em variados tons entre emissor e ouvinte, *para se atingir determinadas finalidades de participação política.* Vargas, quando se referia ao rádio, apontava para a sua importância enquanto meio de educação cívica ao mesmo tempo que informador das diretrizes do governo *e do alcance de suas medidas* (LENHARO, 1986a, pp. 40-41, [grifos nossos]).

Imagens foram ricamente elaboradas e pensadas através do rádio, como operadores simbólicos e constituíram um dos recursos largamente utilizados pelo Estado Novo. Esse recurso atendia a uma finalidade imediata: por meio de imagens veiculava-se com rapidez e precisão o recado que se visava transmitir. E, a *Marcha para Oeste*, como projeto de convencimento e mobilização de pessoas, foi um grande exemplo dessa tática e estratégia de poder.ⁱⁱ

No Sudoeste paranaense, a partir da década de 1940 com a criação da CANGO, o governo utilizou-se da propaganda como arma para a mobilização de gaúchos e catarinenses a sua migração. Segundo Gomes (1986), para estimular a migração de gaúchos e catarinenses, o Estado realizava inúmeras propagandas utilizando as rádios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, especialmente vinculadas nos programas de músicas gaúcha e sertaneja. A promessa da terra gratuita, a ideologia do trabalho, o sentimento identitário do nacionalismo mítico de *ser brasileiro*, formaram, sobretudo, os recursos simbólicos mobilizados, através do discurso, para a migração, pois, com:

O sistema de pequena propriedade adotado na colonização, *sem ônus* para o agricultor, com um serviço de infra-estrutura e assistência de saúde e educação totalmente *gratuitos*, aliado a uma *forte propaganda* que se fazia no Rio Grande do Sul, *atraiu* em poucos anos milhares de famílias para a região [Sudoeste paranaense] (GOMES, 1986, p. 19, [grifos nossos]).

O discurso possibilitava recrutar pessoas a migrarem para o Sudoeste paranaense no movimento da “cruzada” rumo ao Oeste. As descrições sobre a região procuravam dar forma-conteúdo através das “palavras mágicas” que eram proferidas pelo rádio. Desse modo, nenhum outro recurso de propaganda tornou-se tão rico e eficiente quanto esse “esforço” de “desbravamento e colonização”, criado pelo “poder simbólico discursivo” de Vargas.

A propaganda foi, portanto, uma das formas de *atrair* os colonos. De acordo com os *depoimentos dos migrantes* que obtivemos nas entrevistas, o que os incentivou a vir para a região foi, também (e, em alguns casos, o principal condicionante), a propaganda feita pelo governo federal acerca da doação de terras na CANGO. Vejamos o papel da rádio e da propaganda na fala de um migrante gaúcho entrevistado:

Tu sabe, né? A propaganda é alma do negócio, já dizem, né? Então, Marrecas [atual município de Francisco Beltrão] naquela época ficou afamada; aqui diziam que eram muito bom. (...) A CANGO tava se instalando aqui, e tinha propaganda do Paraná na rádio, que ganhava terra de graça, que tinha um monte de ajuda; aqui era o melhor lugar do mundo, até parecia, né? (risos). Aí muita gente veio assim pela propaganda, né? Nós viemos assim: eu escutei no rádio aquelas propaganda do Paraná e resolvi aventurar; vim na frente, comprei terra e, depois, trouxe a família (...) (Antonio Mendes).

É interessante observar como que as representações da região Sudoeste paranaense, efetivadas pelo rádio na época, mobilizaram as pessoas. A reinvenção da *função* da região, assim, foi efetivada a partir de uma nova e forte construção imagético-discursiva e de poder. A nova representação do espaço se tornou hegemônica e criou, assim, a “necessidade” da mobilidade pela *atração*. Outro migrante nos falou que:

Meu pai ouvia muito rádio, naquele tempo era ali que se sabia as notícias; (...) aí estavam só falando do Paraná, eu me lembro; as propagandas do rádio diziam que aqui tinha terra, que tava dando, que aqui tinha mais progresso, tinha mais espaço pra se viver; aí meu pai veio, ele e mais um vizinho de lá do Rio Grande [do Sul], conseguiram terra aqui e a família veio depois; (...) mas, foi pelo rádio que a gente tinha as informações aqui do Paraná (Pedro Miller).

O discurso toma uma centralidade importante, pois a região foi “levada” através da informação pelas ondas do rádio para os gaúchos e catarinenses; a região foi informada através do rádio para estimular e convencer as pessoas a migrarem. O discurso se cristalizou e virou a prática, ou seja, a prática da política migratória do Estado se efetivou a partir de um conjunto de situações em que a propaganda, por meio de produções de imagens pelas “palavras mágicas” que o poder simbólico, construiu sobre o Sudoeste paranaense neste período. Como sublinha Lenharo (1986a, p. 18), “não há porque dissociar retórica da prática, nem tomar o discurso como adiantado as possibilidades concretas”, pois o “discurso não caminha à parte da prática; ele é parte constitutiva e necessária da política se engendrando” no espaço e no tempo. Pelo discurso podemos verificar como que o poder político se engendrava e se materializava no Sudoeste paranaense pelas ações mobilizadas pelo Estado Novo, pelo projeto estadonovista *Marcha para Oeste*.

Neste âmbito, foi recorrente nas falas dos migrantes aparecer a região Sudoeste paranaense, durante o período de 1940-1970, como o “lugar do futuro”, “qualificada” pela positividade do pretense acesso (nem sempre) fácil e gratuito à terra, da aventura, das novas oportunidades. Vejamos o que uma migrante da época nos relatou:

Um tio nosso que estava aqui em [Francisco] Beltrão, ele foi nos visitar lá no Rio Grande [do Sul]; ele disse que aqui [em Francisco Beltrão] era bom, bom, bom... de viver. Minha nossa! A quantia que esse homem elogiou aqui o lugar para convence a gente vim morar pra cá. (...) Ele tava meio sozinho aqui [em Francisco Beltrão] sabe? Acho que queria companhia e, como a gente se dava muito bem lá no Rio Grande [do Sul], era vizinho de

antigamente, então ele foi pra lá e convenceu nós a vim também. (...) Aqui ele dizia que tinha muita terra e muito barata, comprava a preço de banana (risos). (...) Aí, foi... até que ele convenceu nós a vim. Dizia que aqui era um lugar muito bom pra fazer futuro, tinha muita terra pra trabalhá; aí meu marido veio com ele, comprou uma terra barata aqui e viemos depois de mudança (Otilia Antonello).

Quando os primeiros migrantes gaúchos foram chegando ao Sudoeste paranaense, a partir, sobretudo, da década de 1940, foram sendo tecidas redes de relações sociais entre os lugares de origem e de chegada na migração – entre Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Na medida em que os primeiros migrantes foram recebendo os lotes da CANGO e/ou comprando lotes de terras e se fixando na região, estes enviavam notícias aos parentes e amigos contando como era o lugar, confirmando o recebimento de terra gratuita e/ou confirmando o baixo preço para compra das mesmas e incentivando outras pessoas a migrarem para a região. Os primeiros migrantes tinham cristalizado em suas falas o discurso estatal da positividade do “lugar do futuro”, do “lugar novo”, das novas oportunidades, do trabalho e da terra gratuita; da construção de um novo tempo-espaço.

O Jornal de Beltrão também demonstra como a Vila Marrecas era comentada no Rio Grande do Sul no período:

No começo da década de 1950, a vila Marrecas era muito comentada no Rio Grande do Sul; muitos eram que elogiavam o Paraná. Em Roca Salles, distrito de Estrela, próxima a Porto Alegre, moravam os irmãos Nelson, Carlos e Ernesto Sanderson. Ernesto gostava de viajar e veio conhecer Marrecas. Ele motivou Nelson a vir à Vila, pois aqui havia boas possibilidades de trabalho e prosperidade, era aonde se podia fazer um futuro melhor. Ao chegar, teve o primeiro problema. Ernesto queria morar em Marmeleiro. Alegava “porque tem luz”. Mas Nelson convenceu-o a ficar com o argumento de que a vila iria crescer muito e teria grande futuro (JORNAL DE BELTRÃO, 03/12/1991, p. 9).

A construção imagético-discursivo da Vila Marrecas e, portanto, do Sudoeste paranaense, estava ligada às “boas possibilidades de trabalho e prosperidade”; era o “lugar onde o futuro seria melhor”; era a “vila que iria crescer muito e teria grande futuro”. Ou seja, a construção discursiva cria uma “atmosfera positiva” para a migração, reinventando uma representação do espaço criando um “clima eufórico” e altamente “positivo” para a mobilidade espacial, para a troca de lugar.

Também, em outra entrevista, podemos perceber a intensidade e a força da reinvenção da representação da região, com suas “qualificações”, com seus recursos simbólicos que tornavam o dizível visível para atração dos migrantes:

Nós viemos, porque o meu pai tava loco pra vir pro Paraná; ele colocou na cabeça que queria vim pra cá. Aí, sabe né? Alguns vizinhos ali de Santa Catarina vieram; nós morava em Xanxerê, né? Aí, diziam que aqui era o lugar do futuro, que quem tinha vindo tinha se dado bem, aí, meu pai veio na frente, olhou uma terra, gostou daqui e comprou. (...) Mas tinha muita propaganda do lugar aqui [Francisco Beltrão] (Delina Pagnhol).

Por meio da informação levada pelas redes de relações sociais a região foi sendo informada, classificada e nomeada pelas suas qualidades “positivas” que mobilizaram e criaram uma “atmosfera” que estimulou a vinda de migrantes. O espaço foi re-apresentado através de discursos e imagens construídas no rádio e/ou tecidas nas redes de relações sociais que modificaram a função e os sentidos, apresentando a região de outra maneira nesse período: de “sertão inóspito” no período anterior (1900-1940), a “lugar do futuro” (1940-1970): eis a reinvenção da representação do espaço.ⁱⁱⁱ

Em outra conversa que realizamos com outro migrante, podemos verificar explicitamente como que a região foi reinventada outrora, de “sertão inóspito e atrasado”, para “lugar do futuro” tornando-se hegemônica e parte integrante dos discursos produzidos pelos sujeitos que vieram para o Paraná:

(...) antes, quando falavam de Paraná, a gente fazia o sinal da cruz (faz com gestos o sinal da cruz em seu corpo); aqui não tinha nada, era só sertão! Meu Deus! Depois, sabe? Foi mudando; o pessoal começou a vir do Rio Grande [do Sul] pra cá, começou a mudar; o pessoal dizia que aqui tinha futuro, que tava ficando bom para se viver, que podia construir uma vida melhor; aí começou o Paraná a ser o melhor lugar, né? Muita gente veio pra cá depois. (...) É, mas no início ninguém queria vir, não tinha nada, né? (Abílio Faquinaldo).^{iv}

Podemos apreender, deste modo, a reinvenção da região através da inversão do sentido e da função da representação do espaço. De sertão que causava “espanto” pelo seu “atraso”, ao lugar onde o futuro se mostrava como uma grande oportunidade, como expressado no depoimento de Abílio. De acordo com Almeida (2003, p. 71), o espaço, além de produto das atividades humanas, tem múltiplas *valorizações* e, por isso, o espaço pode ser “considerado como o lugar onde os homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses”. Cada espaço, tornando-se social está impregnado por representações que impõe sempre (novas) intenções, significados e símbolos, como expressado na fala do migrante: “era sertão, não tinha nada”, a “lugar bom para construir a vida”.

As representações do espaço, mais que *coladas* ao real, são o próprio real se fazendo no movimento e funcionam através de ideologias.^v Ainda, para Almeida (2003), as representações são fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre os objetos sem si. São criadas para expressão do real no bojo de uma ideologia. As representações socioespaciais são “sistemas de interpretação, [e] também regem nossas relações com o mundo e os outros, orientam e organizam os comportamentos e as comunicações sociais e interferem na definição de identidades pessoais e sociais” (p. 72).

Neste sentido, o que percebemos foi que houve, com a reinvenção do Sudoeste paranaense, uma mudança, através da representação, da apreensão do

status do real; a *forma* como a região foi modelada através de um novo discurso:

(...) as representações espaciais centram-se sobre as modalidades de apreensão do mundo e do *status* do real, isto é, o problema da adequação entre a realidade, o que nós percebemos e nossos discursos sobre a realidade. É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres; pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e suas esperanças (ALMEIDA, 2003, p. 71).

Assim, as representações são sistemas de construção/interpretação de espaços para dotá-los de significados e intenções, de *esperanças* nos novos lugares na migração! E, neste contexto, verificamos o que Maria Amélia Panhan, hoje moradora aposentada em Francisco Beltrão, nos informou:

Naquela época, sabe? Todo mundo dizia que Marrecas [atual município de Francisco Beltrão] tava se tornando um lugarzinho bom pra morar; que tinha terra pra gente trabalhá; lá [no Rio Grande do Sul], nós tava desacorsoado, tinha poca terra, nós tava cansado de trabalhar naquele lugar e aqui [Francisco Beltrão] o pessoal dizia que tava bom, que o Paraná não precisava nem trabalhar, que tinha tudo pindurado nas árvores (risos), que era tudo fácil aqui (risos). Meu sogro naquela época dizia desconfiado quando nós viemos: “Não existe lugar que as coisas vêm sem trabalhá”; mas, como tinha gente que dizia que aqui era bom, então, a gente veio. Compramo um pedacinho de terra aqui no interior de [Francisco] Beltrão, aqui na Linha Gaúcha, conhece? (...) E, começamo a fazer a vida de novo, começamo a trabalhar aqui, mas no começo foi muito difícil. Aqui tivemos que trabalhar muito no início, não era fácil a vida naquele tempo (Maria Amélia Panhan).

O que a fala aponta, sobretudo, são as *contradições* entre o discurso do “lugar de futuro” e as condições-vida no próprio lugar de origem do migrante, ou seja, a fala do migrante e as contradições que apresentava a representação hegemônica do novo espaço que buscava convencer e condicionar a migrar, especialmente, em função do “lugar do futuro” ser a terra do não-trabalho. É interessante observar, também, que esse depoimento deixa “cair por terra” à representação hegemônica do migrante (sulista) gaúcho e/ou catarinense trabalhador, pois, muitos *podem* ter migrado, como foi informado nessa fala (inclusive, muito recorrente nas entrevistas que realizamos pois se transformou em um clichê) em função do condicionante *não-trabalho*, ou, pelo menos, de menos trabalho do que o praticado no lugar de origem. O “ideal de trabalho” nem sempre foi o elemento central para a migração, participaram também os desejos e vontades de mudar para um lugar em que o esforço seria menor para sobreviver e até mesmo e com certo exagero “enriquecer”.

Assim, a fala de Maria Amélia Panhan acabou desmistificando que gaúchos e catarinenses migravam, sobretudo, em busca de trabalho, de lugar e/ou de terra para trabalhar. Como verificamos, estes migravam também pela representação do lugar do não-trabalho. Essas contradições entre migrar para o

trabalho e para o não-trabalho fazem parte de um conjunto de *estratégias* de saber e de *poder* utilizadas e difundidas através das redes de relações sociais entre migrantes e não migrantes para criar um efeito simbólico e mobilizador para a mobilidade espacial de gaúchos e catarinenses.

A reinvenção da representação do espaço regional foi, neste sentido, realizada por meio da fratura, da quebra, de uma nova identidade, de uma nova forma de ver que se busca implantar através de um poder e de um saber. Pensar a região é requer vê-la, e vê-la não é olhar para sua empiria amorfa, variada e colorida, mas (re)inventada/produzida, organizada e controlada a partir de uma dada visibilidade com discursos e imagens que sejam consideradas sintéticos, imagens e discursos que remetam a uma pretensa essência, imagens e discursos simbólicos, direcionadas e que serão instituídas com o seu vir à luz, como a “face” da região.

Segundo Albuquerque Júnior (2001, p. 24, [grifos totais do autor]), “a região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço”. Na luta pela representação hegemônica de um discurso sobre um espaço, há a imposição sempre de novos sentidos e, como considera o autor, “a região é um botim de uma guerra” pela imposição e legitimação de uma (nova) representação do espaço.

Em outra entrevista, a descendente de italianos Gema Dilsa Pramim, que migrou para Francisco Beltrão na década de 1940, nos disse, também, que o Paraná estava sendo muito comentado no Rio Grande do Sul como o lugar que tinha “salame, queijo, tudo pendurado nas árvores”:

Olha, naquele tempo todo mundo falava do Paraná, que o Paraná era onde se podia crescê, que tinha bastante terra, que tinha bastante trabalho. (...) Mas, tu sabe os italiano, a gente que era descendente de italiano falavam do Paraná; falavam lá no Rio Grande do Sul que o Paraná tinha tudo, salame, queijo... que tinha tudo pindurado nas árvores, que era só vim pegar, que aqui não precisava trabalhar (risos). Olha, o que era gavano esse Paraná naquele tempo, você nem imagina. (...) Claro que a gente sabia que não tinha isso, mas, sabe? O povo falava; aí vinham pra cá e acabavam comprando terra; uns vinham trazendo outros, sabe? (...) A terra era muito barata naquela época, quando viemos em [19]49 aqui a terra era praticamente de graça, aí o povo também veio por isso (Gema Dilsa Pramim).

Como reproduzido neste depoimento, foi recorrente e repetitivo, especialmente, entre os descendentes de italianos por nós entrevistados, que aqui no “Paraná tinha salame, queijo e vinho, tudo pendurado nas árvores, era só vim pegar”, “que aqui não precisava trabalhar”. É claro que no início recebemos com muita *desconfiança* essa fala, mas, analisando mais a fundo e a partir da repetição constante durante as entrevistas deste tipo de afirmação, percebemos que alguns clichês se reproduziram, embora, é claro, como esse, de forma extremamente exagerada. Entretanto, isso demonstra que através de discursos

repetitivos a região foi sendo reinventada e o (Sudoeste do) Paraná foi se tornando o lugar onde “tudo era fácil” para aqueles que migrassem, pois não precisava trabalhar e “tudo estava pendurado nas árvores e ao alcance das mãos”. Através de um discurso *mítico*, ou seja, do lugar que ideologicamente não precisava trabalhar, ou, talvez, onde não precisava trabalhar muito, é que a representação do espaço se difunde e se reproduz em suas múltiplas dimensões, pois, de acordo com Lefebvre (1983, p. 26), “a representação se situa no eixo social, psíquico, político”.^{vi}

Percebemos, então, na fala da migrante, que o Sudoeste paranaense é representado como um lugar onde se encontra/consegue as coisas com facilidade. Através de uma ideologia da facilidade que se *pode* encontrar na região, o real é dissimulado, como afirma Lefebvre (1983, p. 31).^{vii} São re-inventados o seu sentido e a sua função para o alcance de um determinado objetivo e situação por uma ideologia, no caso do depoimento da migrante, a do não-trabalho.

Logo, a ideologia está intimamente associada à representação, como ressalta Marilena Chauí:

(...) os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. Por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas (CHAUÍ, 2006, p. 9).

A ideologia passa e até mesmo transpassa as representações do espaço por meio do ocultamento daquilo que se pretende apresentar. Isso no entanto não faz com que a representação seja falsa, mas, possibilita ser mobilizada *uma* forma de ver e viver aquela parcela regional do espaço.

Considerações Finais

Neste sentido, o espaço regional é produto de uma rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com dimensões espaciais e representações diferentes. Se o Estado Novo apregoava, através da *Marcha para Oeste*, uma política de expansão territorial pela migração e pela *sobrevalorização* do trabalho para atrair gaúchos e catarinenses para a região, os migrantes, por sua vez, reconfiguraram os discursos e re-inventaram uma região miticamente onde o não-trabalho foi também o condicionante de atração para a migração. Como reitera Albuquerque Junior (2001), uma construção discursiva *pode* fazer ver uma determinação representação espacial ou, pelo contrário, *pode* fazer ver

outra forma de representação do espaço que não a buscada, que não a pretendida, o que, no caso de alguns migrantes descendentes de italianos que entrevistamos, o não-trabalho participou com um dos motivos para que migrassem para Francisco Beltrão. Isso demonstra, em parte, um pouco desta mudança na apreensão da representação de uma região, do *status* do *real*.

Deste modo, como afirma Foucault (1988, p. 65), o poder de representação de um objeto figura através da designação das palavras, se revela através do poder de ilustrar uma região, de criar uma imagem, que figura sempre através de uma luta entre discursos; discursos que se instituem como verdades, com palavras mágicas (como na aceção de Bourdieu [1998]) e que tornam o discurso susceptível de construir e dizer a verdade.

O Sudoeste paranaense reinventado neste período é, em grande medida, fruto da terra gratuita e/ou barata, da terra do trabalho, do não-trabalho e do progresso; produto de discursos, bem como de práticas que paulatinamente instituem-no e que dão vida e um novo sentido, que criam nova função a um recorte espacial específico. A reinvenção como nova forma de dizer e ver o espaço é produzido através de imagens e textos, que alcançaram tal nível de consenso hegemônico (sempre através de uma luta de poder) e formas agenciadas pelos mais diferentes grupos que se tornaram “verdades regionais”, *axiomas* que impregnam os sujeitos e a materialidade (concretude) socioespacial.

Assim, o que buscamos demonstrar aqui foi como a região mudou através do tempo e no espaço sua função, seus significados. Como afirma Silveira (2003, p. 410), nas regiões “criam-se e recriam-se formas materiais e sociais. Daí a necessidade de captar não apenas as formas mas também a vida que nelas se desenvolve. A cada novidade da história, a extensão e os limites do fenômeno regional mudam”. No Sudoeste paranaense os períodos impõem novas formas, instituem novos *status* no real, criam novos conteúdos para representar a região e instituí-la com novas “verdades” que se tornam hegemônicas, como as do “sertão inóspito” ao “lugar do futuro”.

A representação do Sudoeste paranaense instituiu um espaço regional com determinados conteúdos a partir de um conjunto de relações sociais, especialmente, de saber e de poder. No entanto, como afirma Doreen Massey (2008, p. 53), “qualquer representação – e, da mesma forma, qualquer espaço – é uma tentativa de constituir a sociedade, não de declarar o que ela é”. Logo, para a autora, uma representação não é “espaço”, é uma representação do espaço. O Sudoeste paranaense se instituiu, neste período, como “lugar do futuro” engendrado por um discurso político e *mítico* em que o *status* e as “qualificações” não constituem o “espaço”, mas são a sua representação espacial dotada de intenções, ideologias, funções e significados.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, Alecsandro JP. (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, pp. 71-88.
- BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: SP. T.A. Editor, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Lisboa; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Perseu Abramo, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GOMES, Iria Zanoni. *1957: a revolta dos posseiros*. Curitiba: Criar, 1986.
- HAESBAERT, Rogério. *Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto Editora, 1988.
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoria de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986a.
- _____. *Sacralização da política*. 2. ed. Papyrus: São Paulo, 1986b.
- MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MONDARDO, Marcos. *Os períodos das migrações: territórios e identidades em Francisco Beltrão-PR*. Dissertação de Mestrado. PPGG-UFGD: Dourados-MS, 2009.
- OLIVEIRA, Benícia Couto de. *A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo, 1999.
- SILVEIRA, María Laura. A região e a invenção da viabilidade do território. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. (Org.). *Território brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Edições Territorial, 2003, pp. 408-427.

Jornal

Jornal de Beltrão. Francisco Beltrão, 03/12/1991.

Entrevistas

Antonio Mendes (76 anos, agricultor aposentado). Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 11/04/2008.

Pedro Miller (59 anos, agricultor aposentado). Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 15/02/2008.

Otilia Antonello (83 anos, agricultora aposentada). Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 19/03/2008

Delina Pagnhol (78 anos, agricultora aposentada). Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 07/02/2008.

Abílio Faquino (82 anos, agricultor aposentado). Dourados/Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 05/08/2008.

Maria Amélia Panhan (86 anos, agricultora aposentada). Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 12/02/2008.

Gema Dilsa Pramim (86 anos, agricultora e comerciante aposentada). Francisco Beltrão. Entrevista concedida a Marcos L. Mondardo em 25/01/2008

ⁱ Foi conversando com os migrantes (em sua maioria pessoas com idade superior a 50 anos) especialmente no município de Francisco Beltrão, no Sudoeste paranaense, entre os meses de janeiro a agosto de 2008, que fomos explorando “memórias da diáspora” através de nossas perguntas, resgatando, assim, os componentes simbólicos, as imagens que representaram o “lugar do futuro” para a migração gaúcha e catarinense. Nesse sentido, para Ecléa Bosí (1979), a memória na velhice é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já *trabalharam*. Isso significa que os velhos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: *lembrar* e contar para os mais jovens a sua *história, de onde vieram e o que fizeram e aprenderam*. Na *velhice*, as pessoas tornam-se a *memória* da família, de um bairro, de um município, de um território, de uma ou muitas migrações.

ⁱⁱ Como sublinha Lenharo (1986b, p. 56), “a ‘cruzada’ da Marcha para Oeste, seja no plano discursivo, seja no plano das justificativas administrativas, constitui um precioso exemplo da fabricação de imagens. (...) a Marcha para Oeste foi calcada propositalmente na imagem da Nação que caminha pelas próprias forças em busca de sua concretização”.

ⁱⁱⁱ Como afirma Lefebvre (1983, p. 19), “La re-presentación es, pues, presentación, pero debilitada y aun ocultada”.

^{iv} Esta entrevista foi realizada no ônibus da Unesul, durante viagem de Dourados/MS à Francisco Beltrão/PR quando, na oportunidade, por surpresa do *acaso*, viemos na poltrona ao lado do senhor Abílio Faquino, morador de Francisco Beltrão que estava se deslocando de Campo Grande – onde residem seus filhos – e nos informou que migrou para o Paraná no período em análise, sendo que o mesmo, durante a viagem, nos relatou preciosas informações, em conversa agradável, durante o percurso da viagem.

^v Para Lenharo (1986b, p. 16), a imagem “dirige-se politicamente ao que interessa, sem a necessidade de precisá-lo, de demonstrá-lo; o convencimento é alcançado por outras vias, à margem das tensões ideológicas e das contradições que uma definição comporta”.

^{vi} No original: “La aceptación de lo representativo como hecho social, psíquico, político”.

^{vii} No original: “Ía ideologia disimula lo ‘real’”.